

# COLÓQUIO

## Letras



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

número 206 Janeiro/Abril 2021

# COLÓQUIO

---

## Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



### CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço  
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares  
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli  
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida  
(CABO VERDE)

Gilda Santos  
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo  
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves  
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves  
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Laura Cavalcante Padilha  
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés  
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana  
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares  
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud  
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David  
(UERJ-BRASIL)

### DIRETOR

Nuno Júdice

### APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

### APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial\*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

\* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe  
e Timor-Leste

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: [coloquioletras@gulbenkian.pt](mailto:coloquioletras@gulbenkian.pt)

[www.coloquio.gulbenkian.pt](http://www.coloquio.gulbenkian.pt)

### ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / [vendas@gulbenkian.pt](mailto:vendas@gulbenkian.pt)

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de obras de Avelino Sá)

IMPRESSÃO Norprint - a casa do livro

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em [coloquio.gulbenkian/contactos/](http://coloquio.gulbenkian/contactos/)

TIRAGEM 1000

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

## HOMENAGEM AO AMIGO EDUARDO LOURENÇO

Quase apetece dizer que, com a morte de Eduardo Lourenço, perdemos o último dos grandes pensadores e intelectuais que acompanharam a nossa segunda metade do século XX e o início deste século. Em Lourenço tínhamos a inteligência feita voz, e essa voz fez-se ouvir desde o momento de afirmação da sua «heterodoxia», numa época em que a cultura anti-Estado Novo afinava pelo mesmo diapasão ideológico, construindo uma obra ensaística e crítica livre de imposições. Depois do 25 de Abril, foi também dos poucos que, graças ao distanciamento que lhe era dado por viver em França, pôde pensar de forma sistemática o rumo complexo e contraditório que nos conduziu à democracia e, finalmente, à opção por uma Europa *introuvable*, para usar a palavra francesa, de tão difícil equivalência em português, presente no título de um dos livros em que ele coloca a questão de como ser português e europeu ao mesmo tempo.

Pensador do labirinto por onde deambula a nossa identidade, aí se foi cruzando com o Padre António Vieira, com Antero de Quental, com Fernando Pessoa, tentando ver, através do diálogo com as suas sombras, essa «luz bruxuleante», para citar Jorge de Sena, capaz de nos conduzir a uma saída racional. Era fascinante ouvir como Eduardo se situava nesse cruzar de caminhos que, umas vezes, iam dar a portas fechadas, e de outras vezes nos levavam para saídas de uma lógica tão clara que nos admirávamos de como nunca tínhamos dado por ela. Ouvi-lo, era acompanhar o modo como o seu pensamento avançava, umas vezes tateando as hipóteses que talvez não dessem em nada, e logo passando a um raciocínio lógico que, desbravado o campo desses obstáculos, nos conduzia para um horizonte em que o mundo surgia com uma evidência perfeita.

Mas há, na obra de Lourenço, mais do que a filosofia. A sua escrita tem a mesma qualidade literária e, pode dizer-se, poética, que encontramos nos grandes que ele estuda. Por isso o lemos e relemos, sempre encontrando algo de diferente, como sucede na leitura dos seus mestres, de Vieira a Pessoa — uma das razões da

perenidade do seu pensamento, mesmo quando forem ultrapassados os contextos que o levaram a um ou outro ensaio. E aprenderemos sempre mais alguma coisa sobre nós, primeiro na nossa dimensão humana, depois na circunstância de quem nasceu no império da língua que ele tanto amou e soube cultivar. Pude testemunhar isso ao longo dos muitos anos de amizade e de trabalho com Eduardo Lourenço, tanto em encontros literários como no convívio em múltiplas ocasiões em Portugal e no estrangeiro, e depois na direção desta revista da Fundação Calouste Gulbenkian para que ele me convidou, e que tanto empenho teve em acompanhar como Presidente do Conselho Editorial, sempre presente. No plano pessoal, nada substitui esta perda; mas fica a sua obra e a marca deixada em iniciativas que têm o seu nome e hão de perpetuar a sua memória, a nível nacional e também na terra onde nasceu, São Pedro do Rio Seco, numa Beira interior a que sempre guardou fidelidade. E a melhor homenagem que lhe posso prestar é seguir o rumo desta revista que ele tanto gostava de ver quando lhe chegava às mãos. Depois de um ano tão difícil, em que saiu um número dedicado a uma geração de 1870 com quem não se cansava de dialogar e dois outros sobre escritores que lia e admirava, Gonçalo M. Tavares e Lídia Jorge, a primeira *Colóquio/Letras* de 2021 evoca Maria Velho da Costa e dedica um conjunto de ensaios a Manuel Bandeira, onde a poesia em língua portuguesa, na sua vertente brasileira, encontra um dos seus expoentes.

**Nuno Júdice**

## SUMÁRIO

### MANUEL BANDEIRA

- 11 Paisagem da janela: leitura de «A Realidade e a Imagem»  
de Manuel Bandeira  
*Yudith Rosenbaum*
- 24 «Como que provisoriamente»: apaziguamento e morte  
em Manuel Bandeira  
*Pedro Meira Monteiro*
- 37 A morte dos nomes  
*Clara Rowland*
- 50 O melhor deles todos: o caso da protonotária  
*Abel Barros Baptista*
- 61 «Terra de Manuel Bandeira» em alguma poesia  
portuguesa contemporânea  
*Fernando J. B. Martinho*
- 69 Uma lição de moral, uma lição de poesia: O'Neill lendo Bandeira  
*Joana Meirim*

### MARIA VELHO DA COSTA

- 83 Da rosa e do corpo: Maria Velho da Costa e a poesia  
*Maria Irene Ramalho*
- 88 Ensino primário e ideologia ou a face ensaística  
de Maria Velho da Costa  
*Jorge Vicente Valentim*
- 97 Estados críticos: algumas reflexões sobre a epígrafe  
em Maria Velho da Costa  
*Rui Miguel Mesquita*
- 104 A Fátima  
*Margarida Gil*

### ARTIGOS

- 111 O médico na berlinda: transmissão do «novo» diálogo  
castelhano-português do Doutor Miranda (Lisboa, 1562)  
*M. Isabel Morán Cabanas*
- 123 Da retórica iluminada à literatura ensinada  
*Luiz Eduardo Oliveira e José Eduardo Franco*
- 134 Camilo Alcoforado: as 'Lettres portugaises' nas 'Memórias  
de Guilherme do Amaral'  
*Daniel R. Bonomo*

## POESIA

- 149 *José Gardeazabal*

## TEXTO

- 155 *Marco Lucchesi*

## DOCUMENTO

- 163 Um inédito de Carlos Queiroz  
apresentado por *Ricardo Marques*

## NOTAS & COMENTÁRIOS

- 175 Podemos ler a 'Comédia', hoje?  
*António Mega Ferreira*
- 186 O «cão sagaz» de 'Os Lusíadas', 9. 74. 1  
*Rita Marnoto*
- 193 As narrativas de José Régio  
*Edgard Pereira*
- 199 Fernanda Botelho: uma obra a reler  
*Fernanda Branco*
- 206 Poesia completa de Maria Alberta Menéres  
*Fernando J. B. Martinho*
- 213 O habitar em Ruy Belo: poética da alegria em fuga  
*Irene Borges-Duarte*
- 220 O «sentido do sentido» na poética rizomática de Mário Cláudio  
*José Carlos Seabra Pereira*
- 230 Faz-me um desenho  
*Paulo José Miranda*
- 235 'Falésia' de Vítor Nogueira  
*José Eduardo Reis*

## RECENSÕES CRÍTICAS

### LITERATURA PORTUGUESA

#### POESIA

- 245 *Lugar da Palavra*, Fernando Guimarães  
MARIA JOÃO REYNAUD
- 250 *Antologia dos Poemas*, João Miguel Fernandes Jorge  
HUGO PINTO SANTOS
- 254 *Os Cimentos da Noite*, José Viale Moutinho  
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
- 257 *A Kodok Faliu. Também o Dick, o Cão da Minha Infância*, António Cabrita  
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
- 259 *Estar em Casa*, Adília Lopes  
EVELYN BLAUT FERNANDES
- 262 *Inferno*, Pedro Eiras  
RITA MARNOTO

264 *Mach*, Alexandre Sarrazola  
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

267 *Adius*, Vasco Gato  
MIGUEL MARTINS

#### FICÇÃO

269 *Rua de Paris em Dia de Chuva*, Isabel Rio Novo  
ÁLVARO MANUEL MACHADO

271 *Cadernos de Bernfried Järvi*, Rui Manuel Amaral  
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

#### CRÓNICA

274 *Mais Que Mil Imagens*, António Mega Ferreira  
MIGUEL MARTINS

#### ENSAIO

276 *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture*, Cláudia Pazos Alonso  
ANA LUÍSA VILELA

279 *O Crepúsculo do Contemporâneo*, Paula Cristina Costa  
RICARDO MARQUES

282 *Modos de Ver, Modos de Escrever*, Rita Novas Miranda  
ELISABETE MARQUES

#### LITERATURA BRASILEIRA

#### FICÇÃO

284 *Uma Jornada como Tantas*, Francisco J. C. Dantas  
AMÂNDIO REIS

---

AGRADECIMENTOS: A Avelino Sá pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. A Clara Rowland, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.

tes. A *Comédia* é um compêndio da natureza humana; e é-o em termos tais que o leitor dos dias de hoje, imerso num mundo que pouco ou nada tem que ver com o que foi o mundo conhecido por Dante, não pode deixar de reconhecer-se em muitos dos traços distintivos da caracterização adotada pelo poeta. Dante escreveu para todos nós.

Lê-se, finalmente, a *Comédia*, porque, como diz Ulisses aos seus companheiros de aventura, e Dante pela sua boca, fomos todos feitos «para seguir virtude e conheçença».

António Mega Ferreira

NOTAS

- <sup>1</sup> Marco Santagata, *Guida all'Inferno*, Milão, Mondadori, 2013.
- <sup>2</sup> Dante, *A Divina Comédia*, trad. Vasco Graça Moura, Lisboa, Bertrand, 1995.
- <sup>3</sup> Giuseppe Ledda, *Leggere la 'Commedia'*, Bolonha, il Mulino, 2016.
- <sup>4</sup> Marco Santagata, *L'io e il mondo. Un'interpretazione di Dante*, Bolonha, il Mulino, 2011.
- <sup>5</sup> Erich Auerbach, *Studi su Dante*, Milão, Feltrinelli, 7.<sup>a</sup> ed., 2017.
- <sup>6</sup> Harold Bloom, *O Cânone Ocidental*, trad., introd. e notas de Manuel Frias Martins, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.
- <sup>7</sup> Teodolinda Barolini, *La 'Commedia' senza Dio*, Milão, Feltrinelli, 2013.
- <sup>8</sup> Emilio Pasquini, *Dante e le figure del vero: La fabbrica della 'Commedia'*, Milão, Bruno Mondadori, 2001.

O «CÃO SAGAZ» DE 'OS LUSÍADAS', 9. 74. 1

The sign on the gate says «*Chien méchant*», and the dog is certainly *méchant*. [...] How does the dog know that, despite her mask of indifference, she fears him? [...] She has read Augustine. Augustine says that the clearest evidence that we are fallen creatures lies in the fact that we cannot control the movements of our own bodies.

J. M. COETZEE, *THE DOG*

O letreiro «*Chien méchant*» assinala e certifica não só a ruindade do animal pertencente ao género *canis*, como também a parentela dialógica que o liga ao humano. Imagem em espelho de um ardor autogratiificante, que tanto se pode resolver em temor como mascarar de indiferença, expõe a fragilidade daquele que, caído no vale terreno, é incapaz de controlar o seu corpo.

Em *Os Lusíadas*, 9. 74, Luís de Camões sublimou todas essas contingências numa das mais belas estâncias do seu *corpus* literário:

Qual cão de caçador sagaz, e ardido,  
Usado a tomar na agoa a ave ferida,  
Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta nagoa, e da presa nam duvida,  
Nadando vai e latindo, assi o mancebo  
Remete ha que nam era irmaã de Phebo.

(Camões, 1572: f. 157<sup>r</sup>)

Na verdade, o *cão* será Veloso, que *nadando* e *latindo* se lança às águas, em busca da ninfa indiferente e sedutora. Na Ilha de Vénus, «as regras e o apelo da Natureza» quebram os interditos das «leis humanas», o que levou Nuno Júdice a recordar, a esse propósito, o interesse de Jean-Jacques Rousseau pela botânica (Júdice, 2019: 90). Acrescente-se, ao caso, que aquele marinheiro da frota de Vasco da Gama, Veloso, mereceu ao poeta um tratamento tão agudo que alguns críticos já nele reconheceram uma máscara autobiográfica.

O *cão* de *Os Lusíadas*, 9. 74. 1, levantou delicados problemas de ordem textual à filologia oitocentista. Ao percorrerem os exemplares saídos da oficina de António Gonçalves com data de 1572, os eruditos não encontravam, nesse verso, a forma *cão*, mas a forma *tão*. O advérbio intensificador, *tão*, contrastava flagrantemente com o nome, o *cão* que saltava para a água, nadava e latia.

Diferentemente, o problema não se colocou ao filósofo da natureza, formado pela Universidade de Coimbra, que encontrou e assinalou a forma *cão* na mesmíssima edição de 1572. Essa sinalização deve-se ao académico Sebastião Francisco de Mendo Trigo Homem de Magalhães (Lisboa, 1773-1821), que a expôs num fino e instigante ensaio, intitulado «Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*», o qual saiu a título póstumo em *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* (Trigo, 1823).

Na «Tábua dos principais erros da primeira Edição de 1572, que foram emendados em a segunda do mesmo ano», organizou um cotejo textual entre as edições que designou como n.º 1 (E/D) e n.º 2 (Ee/S). A ficha da errata devolve ao passo a sua coerência semântico-pragmática. Confronte-se:

- n.º 1 (E/D) *Qual tão de caçador sagaz e ardido,*  
n.º 2 (Ee/S) *Qual cão de caçador sagaz, e ardido,*

Sebastião Trigo é uma figura pouco estudada (Sá, 1825; Juro-  
menha, 1860: 390; «Trigo», 2003). Repartiu os seus vastíssimos

interesses enciclopédicos pela história das navegações, pela literatura e pelas ciências naturais, tendo-se distinguido no campo da zoologia, da química e da agricultura. Filho de Francisco de Mendo Trigoso Homem de Magalhães e de Antónia Joaquina Teresa de Sousa Morato, desposou Maria José Vicente Caupers de Oliveira Sandes e Vasconcelos. Recebeu uma educação e uma formação esmeradas. Estudou no Colégio das Necessidades, no Colégio dos Nobres e na Universidade de Coimbra (Magalhães s.d.; Faculdade de Matemática, Filosofia, 1789-1790). Fidalgo da casa real, foi tenente-coronel do regimento de cavalaria de Torres Vedras e ocupou os cargos de censor régio da Mesa do Desembargo do Paço e de membro da Comissão de Censura. Como sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, desenvolveu uma notável actividade, tendo ascendido a secretário dessa instituição quando, em 1808, José Bonifácio de Andrada e Silva partiu para o Brasil.

Ficou famosa a descrição, apresentada aos membros da Academia, de uma nova espécie ictiológica da costa portuguesa que Trigoso baptizou como *sparus trilabiatus* (budeão pintado; Silva, 1814). A descoberta mereceu honras ao *Jornal de Coimbra. Parte II. Dedicada a todos os objectos que não são de Ciências Naturais* (*Jornal de Coimbra*, 1814). Aliás, a craveira dos seus conhecimentos de zoologia é sobejamente ilustrada pela memória acerca do verme que se alojara no olho de um cavalo, lida à Academia a 24 de Junho de 1816 (Trigoso, 1817). É sustida por um vivo diálogo com Lineu, Haller, Bonnet, Blumenbach ou Baldinger.

Das várias comissões que integrou, destaca-se a que abordou uma matéria literária que então se encontrava na ordem do dia. Refiro-me ao «Relatório da Comissão nomeada pela Academia Real das Ciências de Lisboa para lhe dar conta da nova Edição dos *Lusíadas* impressa em Paris no ano de 1817» (Amaral; Couto; Trigoso, 1818). Trata-se da fabulosa edição do Morgado de Mateus (Botelho, 1817). Nunca um estudioso de *Os Lusíadas* se interrogara de forma tão incisiva, como José Maria de Sousa Botelho, acerca da fisionomia do texto da *princeps*, pondo em questão uma prática secular de *editiones descriptae*.

Foi nesse clima que Trigoso elaborou o «Exame crítico» (Trigoso, 1823: 167). Dividido entre receios e ímpetos incontidos, cabe-lhe o mérito de ter sido um dos primeiros estudiosos a apontar certas diferenças na iconografia, na ortografia e no texto das duas edições com data de 1572; a ousar afirmar que as fôrmas não eram as mesmas e a usar as palavras «arremedo» e «fingimento» (1823: 194) para a edição n.º 2; a notar, por um lado, a ausência da licença do Tribunal e, por outro lado, a contemplação, no alvará régio, da possibilidade de o poema vir a ser continuado; a considerar, ainda que timoratamente, que Manuel de Faria e Sousa, no seu comentário a *Os Lusíadas*, de 1639, já se tinha dado conta da existência de duas edições, como o indiciam os escólios

da estância 9. 21; ou a descrever as alterações introduzidas pela censura nas edições de 1584, 1591 e 1597.

Algumas décadas volvidas, o mesmo passo merecerá a melhor atenção a um zoólogo bem conhecido, Eduardo Sequeira (Porto, 1861-1914), no interessante ensaio sobre «A Fauna dos *Lusíadas*», publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Sequeira, 1887). Sequeira, que era guarda-livros de uma firma de exportação de vinhos em Vila Nova de Gaia, foi autor de significativos estudos no domínio das ciências da natureza: «Os répteis em Portugal», «Ninhos e ovos», «As abelhas», «Teias de aranha» ou «La culture des rosiers en Portugal» (Tavares, 1915).

É com convicção que o ilustre crítico elege Camões «um naturalista erudito e profundo» (Sequeira, 1887: 26), leitor de André Thevet, Siegmund von Herberstein, Olaus Magnus, Bernhard von Breydenbach, Rondelet, Salviani, Turner ou Gessner. Sublinha, porém, que o que marca a diferença é a origem dos conhecimentos de zoologia que o poeta detinha, por serem firmados sobre uma experiência directa, o que lhe permitiu superar fantasias e crenças. Sequeira elaborou uma cuidadosa lista dos lugares de *Os Lusíadas*, relativos aos «indivíduos da família *Canis*» (1887: 33), acabando por se deter, em particular, sobre a metamorfose de Veloso no *cão* que nada e late. Classifica a comparação como «soberba», sem descurar, no contexto da estância, a *Garcenha* (*ardea minuta*) e a *Pata conhecida* (com duas hipóteses de correspondência, *anas boschas* ou *anser sylvestris*) (1887: 63).

Contudo, como acima notei, a forma *cão* de 9. 74. 1 não foi acolhida sem pruridos pelos filólogos do século. Considerem-se António da Silva Túlio e José Feliciano de Castilho, irmão de António Feliciano de Castilho.

Silva Túlio, zeloso empregado da Biblioteca Nacional portuguesa que chegou a bibliotecário, foi um dos primeiros a manifestar-se (Túlio, 1861). Apoiou-se nos cotejos do então director dessa instituição, José Feliciano de Castilho, que assinalara a tinta verde, no exemplar da biblioteca, todas as confrontações da «Tábua dos principais erros» em que Sebastião Trigoso falhara. «A nossa edição diz: [...] *Qual tão de caçador sagaz e ardido*», garante Silva Túlio, que investe: «Serão erros de memória de Trigoso?» (1861: 183). Mas a pergunta mascarava afinal a atracção por aquele *cão* que era Veloso. O crítico camoniano acabou por contemporizar com a categoria gramatical de nome. A forma *cão*, convenientemente perspectivada, podia ser favorável à tese que desejava sustentar, a existência de uma única edição de 1572, com introdução de sucessivas correcções pelo punho do próprio poeta. Assim sendo, interpretou-a como variante de estado tipográfico de uma edição única.

Alguns anos volvidos, será o próprio José Feliciano de Castilho a enfrentar a dissidência entre advérbio e nome (Noronha, 1880-1881). O grande conhecedor de livros rumou até ao Brasil, tendo oportunidade de observar o exemplar de *Os Lusíadas* do imperador Pedro II, que fora da livraria do Colégio de São Bento da Saúde, de Lisboa, e actualmente pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Perante o *cão* assinalado por Sebastião Trigoso na «Tábua dos principais erros», exclama com uma certa acrimónia: «estes versos não são assim!» (Noronha, 1880-1881: 34). No entanto, também José Feliciano de Castilho acabou por pactuar com o *cão* catalogado por Trigoso. O seu intuito era diferente do de Silva Túlio. Desejava defender a existência de, no mínimo, três edições com data de 1572. Nesse sentido, tomou a divergência como variante editorial, no objectivo de corroborar a pluralidade de edições.

Por conseguinte, tanto num caso, como no outro, o incómodo causado pelo *cão* de Sebastião Trigoso acabou por ser mascarado pela ideia perfilhada acerca da produção dos exemplares com data de 1572. E da desconfiança, passou-se à contemporização, não obstante a absoluta incompatibilidade entre as teses de Silva Túlio e de José Feliciano de Castilho. A verdadeira questão, a questão filológica, continuava porém por certificar. Faltava um exemplar de *Os Lusíadas* onde, em 9. 74. 1, se pudesse ler a forma *cão*.

O efeito exercido pela oscilação entre *tão* e *cão* teve efeitos verdadeiramente desconcertantes sobre Francisco Gomes de Amorim, quando em 1889 editou *Os Lusíadas*. Inicialmente, seguiu a posição de José Feliciano de Castilho, apenas o corrigindo por não ter registado a vírgula depois de *sagaz* (Amorim, 1889: 1. 81). A vírgula é importante, porque confere densidade à comparação entre a sagacidade do animal *canis* e do próprio Veloso. Contudo, depois de uma deambulação por algumas páginas, acabou por resolver o enigma: «Entre as supostas segundas [edições; para Amorim Ee/S], da biblioteca, há um exemplar, único dos quatro que examinei, que lê no canto IX, est. 74, v. 1: *Qual cão de caçador sagaz, e ardido,*» (Amorim, 1889: 1. 84).

Gomes de Amorim foi guiado por um faro certo. De facto, no espécimen da Biblioteca Nacional de Portugal que actualmente tem a cota Cam. 2 P (Ee/S), lê-se *cão*, ao contrário do que acontece em Cam. 1 P (E/D), Cam. 3 P (Ee/S) e Cam. 4 P (Ee/S) da mesma biblioteca, que assinalam *tão*.

Através do utilíssimo CD de Kenneth David Jackson (2003), pude seguir a pista de mais quatro espécimes em que se lê *cão*:

- Bodleian Library, University of Oxford, Antq. e P. 1572/1 (Ee/S);
- British Library, C. 30. e. 34 (Ee/S);
- Academia das Ciências de Lisboa (Ee/S);

— Bosch Brazilian, Stuttgart (Ee/S).

A esses quatro exemplares, poder-se-ia ainda acrescentar um eventual quinto, que foi reproduzido por Teófilo Braga em 1898 (E/D). Trata-se, porém, de um original nunca identificado.

Desta feita, é certificada a sinalização feita pelo filósofo da natureza Sebastião Trigoso, alargando-a a outros quatro exemplares, para além do mencionado por Gomes de Amorim.

Sou devedora ao colega Roberto Gigliucci, com o qual estou a preparar uma edição de *Os Lusíadas*, de uma informação complementar que restitui ao *cão* que se lança à água, *nadando* e *latindo*, o sublime da sua sagacidade. Camões encontrou-a na parentela com Ariosto:

*E qual sagace can nel monte usato  
a volpi o lepri dar spesso la caccia,  
che, se la fera andar vede da un lato,  
ne va da un altro, e par sprezzì la traccia;  
al varco poi lo senteno arrivato,  
che l'ha già in bocca, e l'apre il fianco, e straccia;  
tal l'eremita per diversa strada  
aggiugnerà la donna ovunque vada.*

Qual cão de caçador sagaz, e ardido,  
Usado a tomar na agoa a ave ferida,  
Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta nagoa, e da presa nam duvida,  
Nadando vai e latindo, assi o mancebo  
Remete ha que nam era irmã de Phebo.

Rita Marnoto

[A Autora segue a antiga ortografia.]

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, António Caetano do; Mateus Valente do Couto; Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, «Relatório da Comissão nomeada pela Academia Real das Ciências de Lisboa para lhe dar conta da nova Edição dos *Lusíadas* impressa em Paris no ano de 1817», *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 5, parte 2, 1818, p. XC-XCIX.
- ARIOSTO, Ludovico, *Orlando Furioso*, ed. Cesare Segre, Milão, Arnoldo Mondadori, 2010.